

LITERATURA EM LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS ESTADUAIS DE XANXERÊ - SANTA CATARINA [1]

Elisiane de Oliveira Dias [2]

Aline Miriane Guerios [3]

Resumo: Ler é crucial para a formação profissional e social do indivíduo, e é tanto na escola como em casa que esse processo ocorre. Trabalhar com a leitura literária em sala é um processo que exige interesse, conhecimento por parte do professor e do educando, e suporte e estrutura por parte da escola. Este trabalho está vinculado à disciplina de Língua Portuguesa, porém também é um dever dos professores de Língua Inglesa utilizarem a literatura em sala, visando desenvolver as habilidades linguísticas necessárias à compreensão e aprendizado da segunda língua através de *listening*, *reading*, *speaking* e *writing*. Com o objetivo de investigar em que medida esses profissionais trabalham com a literatura em língua inglesa e qual seu nível de leitura, é que elaboramos esta pesquisa. Para tanto, foi utilizado como suporte a pesquisa bibliográfica sobre leitura e literatura, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que aborda as bases que devem ser trabalhadas em todo o país. Também, foi realizado uma pesquisa de campo, com questionários voltados aos professores de Língua Inglesa do Ensino Médio de escolas públicas estaduais de Xanxerê/SC. Os resultados foram relacionados ao referencial teórico e comparados com a realidade desses profissionais e estudantes.

Palavras-Chave: Leitura. Língua Inglesa. Literatura. Formação de leitores.

[1] Este artigo é resultado do trabalho final apresentado como conclusão do curso de Especialização em Concepções Multidisciplinares de Leitura, pelo Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, Xanxerê.

[2] Autora. Graduada em Letras – Português e Inglês, pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Pós-graduada em Metodologia do Ensino de Inglês como Segundo Idioma, pela Faculdade Unyleya. E-mail: lisianedias@hotmail.com

[3] Orientadora. Professora no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Mestre em Literatura, pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: aline.guerios@ifsc.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Mas para mim, desde o início, nunca foi possível separar a leitura das palavras da leitura do mundo. Segundo, também não era possível separar a leitura do mundo da escrita do mundo.
(FREIRE, 2001, p. 56).

A língua escrita é de suma importância para o aprendizado da língua materna, da língua estrangeira e para a vida em sociedade. É através da linguagem que o leitor acessa informação e tem formação, podendo pensar, refletir e transformar seu ambiente social, tornando-se crítico, participativo e um agente da mudança.

Sabemos da importância de trabalhar com a leitura no ambiente escolar e das dificuldades de incentivar os estudantes a adquirirem o hábito de ler e o hábito de refletir sobre o que leram. Afinal, com o desenvolvimento acelerado das novas tecnologias, as crianças desde cedo já se envolvem com o meio virtual, o que torna a leitura e outras práticas escolares menos atrativas, apesar de elas auxiliarem, muitas vezes elas também dificultam o interesse e o processo de ensino-aprendizagem.

A leitura nas aulas de Língua Portuguesa é tão importante quanto nas aulas de outros idiomas (L2), como por exemplo, em Língua Inglesa, pois é também através do aprendizado da língua materna e de outros idiomas que aumentamos nosso vocabulário e visão de mundo: conhecendo e entendendo outros momentos históricos, crenças, culturas, etc. Segundo Paulo Freire (1996), a alfabetização – seja ela em qualquer idioma, não deve ser entendida apenas em ensinar a ler e a escrever, mas deve possuir o significado de ampliar seu mundo por meio do conhecimento e de sua participação social no contexto em que o leitor que está inserido. Com a leitura, amplia-se ainda mais essa visão e reflexão nos estudantes, afinal é através dela que descobrimos como a vida social era em determinadas sociedades e momentos históricos, e percebemos como entendê-los determina a nossa compreensão da realidade e das conjunturas políticas atuais.

Com o intuito de descobrir as dificuldades encontradas ao trabalharmos com a leitura literária em Língua Inglesa, este artigo visa investigar **em que medida os professores de Língua Inglesa (L2) da rede estadual do município de Xanxerê / SC no Ensino Médio utilizam a Literatura nas aulas**, mediante as seguintes abordagens de leitura: a) Analisar em que medida a literatura em língua inglesa é utilizada em sala de aula no 1º, 2º e 3º ano do ensino médio das escolas estaduais do município de Xanxerê. b) Investigar se textos literários são lidos pelos professores de L2, c) Verificar as dificuldades encontradas ao trabalhar com literatura em L2 em sala.

A investigação da pesquisa proposta foi bibliográfica, com embasamento teórico de autores, da área da educação, como Paulo Freire (1996), Silva (1985) e Bamberger (1977), na área da leitura, a BNCC (2018) que faz parte da formação curricular das escolas, e Terry Eagleton (2006), crítico e teórico da literatura. A pesquisa também teve cunho exploratório, por meio de entrevistas com 4 professores de L2 da rede estadual do município de Xanxerê - SC. Este artigo é apresentado apenas como um recorte, e acreditamos que ela auxiliará os interessados na área abordada e possibilitará que novas pesquisas sejam realizadas. Além disso, pesquisas acadêmicas realizadas por profissionais que atuam em sala de aula possibilitam o aumento da qualidade do ensino-aprendizagem das áreas abordadas, neste caso, disciplinas de L2, e dos próprios estudantes. Deste modo, o professor e o estudante leitor tornam-se conscientes da relevância do hábito da leitura, críticos e cientes de seus direitos e deveres como cidadãos e preparados para ler e interpretar textos e informações também em língua estrangeira.

2. LEITURA E LITERATURA EM SALA DE AULA

O ato de ler é um direito social e libertador, pois sabemos que antigamente a leitura e a educação eram dirigidas apenas para pessoas com maior poder aquisitivo, ou seja, apenas pessoas de classe alta tinham o direito de adquirir conhecimentos, por exemplo, ir à universidade, frequentar bibliotecas, etc. Segundo Bamberger (1977, p. 11), felizmente, essa realidade mudou, e todos têm direito, sem exceção, porém nem todos têm acesso à leitura. Conforme o autor (1977, p. 11),

isso “significa igualmente o direito de desenvolver as capacidades intelectuais e espirituais da pessoa, o direito de aprender e progredir”.

Com isso, relacionamos esse direito às diversas manifestações artísticas e culturais, as quais todas as pessoas deveriam possuir o acesso. Sobre o tema, Freire afirma: “[...] a democratização da cultura, tem que partir do que somos e do que fazemos como povo [...]. ” (2000, p.150). Suas afirmações relacionam-se também ao direito à literatura, defendido por Antônio Candido. Para ele, a leitura do texto literário é

[...] uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade. (CANDIDO, 2011, p.186).

Ao adquirir a habilidade de ler e interpretar sua realidade, a pessoa cria a possibilidade de refletir e liberta-se de algumas das correntes alienadoras que lhe são impostas socialmente, ou ao menos tomar consciência delas. Sobre isso, Freire afirma que

Realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tomando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. O conhecimento sobre os terremotos desenvolveu toda uma engenharia que nos ajuda a sobreviver a eles. Não podemos eliminá-los, mas podemos diminuir os danos que nos causam. (FREIRE, 1996. p. 45)

E é na escola que o contato com esse mundo, não só de informações, mas também de formação, inicia-se. A escola é o principal local onde se pode criar gosto ou até mesmo hábito pela leitura. É na escola que os livros são sugeridos e incentivados à leitura. Sabe-se que ler nos ajuda a manter uma mente ativa, saudável e com boa memória. A leitura de textos literários, por exemplo, proporciona ao leitor melhora de vocabulário, a imersão e compreensão de outras realidades e até mesmo mundos imagéticos e fantásticos através da ficção. Através da leitura, a imaginação do leitor é despertada e ele pode viajar a diferentes lugares do mundo e épocas sem sair do lugar, como afirma Geraldi (2004):

Uma 'leitura – busca de informações' não precisa ser necessariamente aquela que se faz com textos de jornais, livros científicos, etc. Também com o chamado texto literário essa forma de interlocução é possível. Pense-se, por exemplo, na leitura de romances para extrair deles informações a propósito do ambiente da época, da forma como as pessoas, por intermédio dos personagens, encaravam a vida, etc. (GERALDI, 2004, p. 94)

São diversas as histórias, sejam elas criadas a partir de fatos reais ou ficção, em qualquer gênero: épico, lírico ou dramático, que proporcionam conhecimento e, sempre que lidas, devem ser localizadas historicamente e refletidas. Porém, existem muitas pessoas que não tem hábito de leitura, tampouco da reflexão sobre o conteúdo lido. De acordo com Bamberger (1977, p. 24) “a simples seleção dos livros não justifica o fato de as pessoas lerem pouco ou não lerem coisa alguma.

Infelizmente, em sala de aula muitas vezes o currículo é tão apertado e a carga horária dos professores tão alta que não sobra tempo no planejamento. Segundo Bamberger (1977, p. 13):

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação pela promoção do desenvolvimento da linguagem e do treinamento intelectual, e acentua a possibilidade de ajustamento à situação pessoal do indivíduo.

Há escolas que adotaram o momento da leitura (plano estadual de educação), que é um tempo fornecido por uma das aulas do dia, não importa a disciplina que se está trabalhando, os estudantes têm a oportunidade de estar lendo, seja um livro ou uma revista educacional, como a IT'S – revista juvenil que é fornecida pelo governo do estado de Santa Catarina. Desta maneira, quando a leitura acaba, alguns professores continuam a reflexão e fazem perguntas sobre o material que o leitor teve acesso, o que é interessante, pois assim os estudantes tem um tempo para abordar o que leram, além do professor e os colegas demonstrarem interesse pelo o que o estudante tem a dizer sobre o tema. Como afirma Ângelo:

Ler é um ato libertador. Quanto maior a vontade consciente de liberdade, maior o índice de leitura. Um dos efeitos da leitura é o aprimoramento da linguagem, da expressão, nos níveis individual e coletivo. Uma sociedade que sabe expressar, sabe dizer o que quer, é menos manobrável (...) essa liberdade, traduzida em responsabilidade, não interessa, nunca interessou aos governos; aqui sempre se achou melhor decidir pelo povo, escolher para eles os caminhos e os precipícios. (ANGELO, 1981, apud SILVA, 1985, p. 43)

Sabemos que os benefícios que a leitura traz, não somente em sala de aula, mas também fora dela, são inúmeros, afinal pode ajudar muito no desenvolvimento da aprendizagem, na melhor forma de se comunicar em situações diversas. Além disso, a leitura permite aos estudantes o conhecimento para melhor elaborarem perguntas e respostas, sem apenas concordarem com o que os outros dizem, e até terem mais assuntos sobre o mundo e reflexões acerca da sociedade.

Segundo Freire (2018), o incentivo à leitura deve ser desde criança, mas muitos não o fazem, e é por isso que alguns estudantes não demonstram interesse pelos livros, ou se demonstram é pouco. Além disso, muitas vezes ao chegarem à escola e se depararem com uma cobrança da leitura, ao invés de ler irão procurar o resumo na internet.

Há motivos que dificultam a aquisição do hábito da leitura, pois, como afirma Bamberger (1977), muitas vezes a visita a bibliotecas é dificultosa, ou não há estrutura adequada. Outro motivo é a televisão, a internet e outros tantos aparelhos eletrônicos, que parecem ser mais atrativos que um livro, pois nelas não é necessário pensar tanto, está tudo pronto é só olhar e assistir, como é o caso das novelas e filmes, *stories* do Instagram, etc. Segundo Bamberger (1977, p. 22):

Para muitas crianças, a leitura está intimamente associada às atividades e exigências da escola; concluída a sua educação, elas deixam de ler porque a 'vida' agora significa para elas algo muito diferente da escola", desta maneira sempre é bom incentivar a leitura, não somente em sala de aula, mas também fora dela.

Se a escola investir no incentivo à leitura e o acesso à literatura, terá resultados positivos. Segundo Alberto Merani (1977 apud Silva, 1985, p. 24) "quando os homens tomam consciência das suas possibilidades alcançam a liberdade. Para o autor, "a liberdade assinala possibilidades além da suposição das condições existentes: destruição do poder por meio da apropriação dos meios de produção. "

Infelizmente, segundo o mesmo autor, no Brasil a realidade do hábito da leitura está longe de ser alcançado, por mais que alguns professores utilizem a literatura nas aulas, o incentivo e o acesso aos livros literários quase não acontecem, principalmente nas aulas de Língua Estrangeira, onde o foco é apenas a gramática e tradução de textos curtos, sem a função reflexiva da literatura.

É importante lembrar que:

Toda leitura deve ter um objetivo. Lemos porque queremos algo da leitura. Às vezes, somos levados a ler por motivos práticos e bem definidos, como quando consultamos o dicionário para encontrar o significado de uma palavra. Outras vezes, nossos objetivos se definem de modo inconsciente; assim, por exemplo, lemos em busca de fatos quando olhamos o noticiário do jornal. Também lemos textos sobre assuntos relacionados à nossa área de interesse, em busca de novas ideias. E, muitas vezes, lemos simplesmente pelo prazer que a leitura nos traz. Alguns dos objetivos mais comuns da leitura são: 1. Aplicação prática; 2. Aprendizagem; 3. Entretenimento. (SOUZA; et al., 2005, p. 17)

Por isso, trabalhar com a leitura também nas aulas de Língua Estrangeira é de suma importância, pois as competências de leitura são um meio de viabilizar o contato do usuário da língua com seu contexto histórico e cultural, possibilitando uma reflexão sobre si próprio e uma possível intervenção no lugar onde vive, como afirma a BNCC (2018, p. 477):

As aprendizagens em inglês permitirão aos estudantes usar essa língua para aprofundar a compreensão sobre o mundo em que vivem, explorar novas perspectivas de pesquisa e obtenção de informações, expor ideias e valores, argumentar, lidar com conflitos de opinião e com a crítica, entre outras ações relacionadas ao seu desenvolvimento cognitivo, linguístico, cultural e social.

Percebe-se no documento a importância da leitura, de como além de influenciar a maneira de ver o mundo - de forma reflexiva - também traz a história e cultura de diferentes locais do mundo.

2.1. *SO, WHAT IS LITERATURE?* ENTÃO, O QUE É LITERATURA?

Para definir o que é a literatura poder-se-ia dizer que era a forma imaginativa da ficção, algo imaginado e criativo, porém a literatura tem muito do factual. Segundo Terry Eagleton (2006), a filosofia, ciência e história são carregadas de fatos, mas não possuem ficção, então o autor questiona “o fato de a literatura ser a escrita ‘criativa’ ou ‘imaginativa’ implicava em serem a história, filosofia e as ciências naturais não-criativas e destituídas de imaginação?” (EAGLETON, 2006, p. 3). Dito isso, a forma de pensar a literatura foi reformulada, sendo definida como a forma, a linguagem que é utilizada na escrita de uma obra, que foge da forma padrão e cotidiana de falar (EAGLETON, 2006).

Para estudar a literatura, o formalismo foi escolhido, considerados críticos militantes e polêmicos, pois rejeitavam as doutrinas simbolistas e diziam que “a literatura não era uma pseudo religião, ou psicologia, ou sociologia, mas uma organização particular da linguagem” (EAGLETON, 2006, p.4).

Depois dos formalistas russos, os críticos consideraram as obras literárias como “artifícios”, e mais tarde esses artifícios tiveram uma junção com “função” dentro de um sistema textual global (EAGLETON, 2006, p. 5). Nesse sistema, todos os elementos literários formais, como sons e imagens, tinham a característica de estranheza, que fugia do natural, se tornando estranho e diferenciado, não comum em conversações do dia a dia, podendo também ser considerada como poesia, mas não necessariamente apenas poesia. Nesse sentido, a “literatura pode ser tanto uma questão daquilo as pessoas fazem com a escrita como daquilo que a escrita faz com as pessoas” (EAGLETON, 2006, p. 10), como por exemplo, as placas de horários de chegadas e saídas de transporte público, parecendo apenas como meio de informação, ou interpretados poeticamente como uma leitura do movimento frenético de pessoas em um só lugar. Para o autor, a “literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve ler determinado enunciado, e não da natureza do que é lido” (EAGLETON, 2006, p. 12), assim podendo ser um discurso “não pragmático”.

Desta forma, pode acontecer de um texto ser considerado literatura, mesmo se o próprio autor não o tenha dito, tudo depende de como as pessoas irão interpretar ou considerar o texto, não importando sua origem, mas sim a maneira como o texto é visto pelo leitor, como cita Eagleton (2006, p. 15 -16):

Os julgamentos de valor parecem ter, sem dúvida, muita relação com o que se considera literatura, e com o que não se considera - não necessariamente no sentido de que o estilo tem de ser ‘belo’ para ser literário, mas sim de que tem de ser *do tipo* considerado belo; ele pode ser um exemplo menor de um modo geralmente considerado como valioso.

Ou seja, a expressão “bela escrita” é ambígua, não quer dizer que seja belo, mas sim, uma escrita respeitada. Para o autor, a literatura é respeitada e valorizada no momento, mas pode deixar de ser com o passar do tempo, pois o conceito das pessoas em relação à escrita da literatura é mutável. Por isso, determinada literatura pode deixar de ser digna de valor, pois ele não é fixo, e muda conforme o momento histórico. É por esse motivo que, na teoria literária, as composições de obras

literárias são tomadas como um produto de um determinado momento histórico – não sendo sua interpretação e apreciação universal e imutável.

Para Eagleton (2006), tudo isso não significa que uma obra é mais valiosa que outra, nenhuma obra é valiosa por si só, depende muito de cada público e dos interesses. Ao interpretar uma obra de interesse, pode ser um dos motivos pelos quais algumas obras conservam seu valor ao longo de vários anos.

Segundo o autor todas as obras mudam ao decorrer dos anos, ou “em outras palavras, são ‘reescritas’, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem” (EAGLETON, 2006. p.19). A literatura não é algo fixo. As obras literárias são modificadas de acordo os momentos históricos e os interesses, mudando assim o que deve ou não ser valorizado, e, por este motivo a literatura é mutável.

3. METODOLOGIA

Para realização do artigo, a pesquisa foi de campo, sendo que privilegia o estudo quali-quantitativo, que por si se apoiará em bases teóricas de autores da área da leitura e literatura, a BNCC, que faz parte da formação curricular das escolas, e acerca de respostas descritivas e optativas de questionários. Será uma pesquisa de cunho exploratório, pois investigará o problema de pesquisa por meio de questionários com professores da rede pública estadual.

Os sujeitos de pesquisa que formaram o *corpus* foram 4 professores de Língua Inglesa de 3 escolas da rede estadual do Ensino Médio de escolas estaduais da cidade de Xanxerê - SC. A coleta de dados se deu por meio de questionários, elaborados com questões objetivas e discursivas, objetivando: descobrir em que medida os textos literários são trabalhados pelos professores; saber se os entrevistados têm o hábito de ler; e de que maneira eles incentivam os estudantes a lerem. Os resultados foram obtidos por meio dos questionários de respostas abertas (em anexo), a fim de responder o problema da pesquisa.

Após o recolhimento dos questionários percebemos que a maioria desses profissionais trabalha em mais de uma escola e em cidades próximas. Considerando a formação dos professores, 3 dos 4 entrevistados são graduados em Letras Inglês e 1 em Português e Literatura, com curso técnico na área de inglês. Dois são professores efetivos e dois são contratados em cargo temporário. Um deles com 1

ano de trabalho com a disciplina de inglês, e os demais de 5 a 20 anos que exercem a função.

Todos afirmaram que gostam de lecionar a língua inglesa, porém um deles prefere trabalhar com a língua portuguesa. Entretanto, ao serem questionados sobre a frequência de leitura de obras da literatura em língua inglesa, afirmaram ocorrer raramente e a nota que eles se deram do nível de interesse foi de 2 a 8.

Ao serem questionados sobre o uso da literatura em língua inglesa em sala, apenas um afirmou trabalhar com obras da literatura inglesa, o outro raramente usa e os demais apenas citam frases ou trechos das obras referente aos conteúdos. As obras citadas que mais são utilizadas por eles são do William Shakespeare, Edgar Allan Poe e Stephen King. O foco do uso das leituras dessas obras geralmente é na gramática, interpretação e elementos culturais, sendo que são adaptados ao nível linguístico e interesse da turma. Porém, eles afirmam que poucos estudantes têm vontade de ler o que acaba dificultando o trabalho com essas obras.

As metodologias utilizadas por esses professores são variadas. Muitos utilizam slides, leitura em voz alta, reflexão sobre a forma e o conteúdo da obra, biografia dos autores e socialização das leituras. Apesar disso, todos relataram, no questionário, um grau de dificuldade em trabalhar com a leitura em língua inglesa, pois segundo esses professores, muitos estudantes não têm interesse e não tem o “mínimo de conhecimento da língua” (questionário 1 – em anexo).

Todos os entrevistados acreditam que os estudantes ingressam no ensino médio sem uma base em língua inglesa, e muitos não têm recursos para realizarem um curso para aperfeiçoar seus conhecimentos na língua – esse parecer sobre o acesso ao aprendizado de uma segunda língua, também corrobora com a ideia de direito à literatura, de Antônio Candido.

Analisando os dados obtidos, percebe-se a magnitude da dificuldade em se trabalhar com a Língua Inglesa no Ensino Médio nas escolas, pois tanto a falta de interesse dos estudantes como de recursos em investir em cursos de idiomas provoca. Os professores relatam que tentam trabalhar, mesmo a contragosto dos estudantes, mas que o conhecimento de língua inglesa dos estudantes é baixo e a atividade com a língua em sala é difícil. Segundo eles o uso da literatura em língua inglesa ocorre através de fragmentos, já que não há acesso aos livros nivelados ou mesmo um número mínimo-suficiente de obras em língua inglesa para ser levado a sala de aula.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização dos questionários e revisão bibliográfica, pode-se perceber que os professores de Língua Inglesa do Ensino Médio das escolas públicas estaduais de Xanxerê utilizam a literatura em suas aulas. Entretanto, cada um utiliza suas próprias metodologias, citações de frases dos textos literários, seguida de discussões. Ademais, todos eles demonstram baixa frequência de leitura em língua inglesa, o que talvez os leve a utilizar apenas resumos, análises ou recortes de obras literárias.

Como foi visto no decorrer dos estudos bibliográficos neste artigo, como Bamberger (1977), é importante que o professor seja um dos primeiros, junto à família, a apresentar o mundo da leitura aos estudantes – através do seu próprio hábito de leitura – quando mais o professor e os responsáveis possuírem o gosto, hábito e conhecimento da leitura literária, mais eles transmitem fascínio, motivação e experiências aos estudantes.

Por outro lado, acreditamos que isso é algo que pode ser estimulado e revertido através de atividades e projetos com o uso da língua inglesa. Através dos recursos e iniciativas do governo, das escolas, da família e dos professores, com material adequado ao conhecimento prévio do estudante e com o uso de adaptações de obras da literatura inglesa, pode-se aos poucos, mudar essa realidade.

Vale ressaltar que o uso da literatura em L2 não deveria ser apenas um veículo para questões de ensino de gramática. A literatura e sua devida localização histórica, nos oferece ferramentas das mais variadas possíveis, para ser trabalhada em sala. Sem valorizar um mais que o outro: conteúdo e forma dão escopo para muitas discussões e atividades em sala e também fora dela.

O processo de formação de leitores em L2 exige grande esforço de todos os envolvidos e é tarefa árdua. Entretanto, como educadores, temos a certeza do desejo de mudar esses dados. Segundo Freire, “mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação político - pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de crianças ou de adultos ”. (FREIRE, 1996, p. 47) – na língua materna ou em língua estrangeira.

Por fim, vemos que mudar esses dados está intimamente relacionado com a melhora de estruturas, redução de carga horária melhor acesso aos materiais

adequados nas escolas públicas brasileiras, e também, com a valorização do conhecimento de mundo e as experiências dos estudantes. Com o olhar de Freire, sabemos que ensinar não é meramente despejar conteúdos na sala de aula. A educação não deve ser uma transferência de conhecimento ou mera memorização. Para ele, “o desrespeito à leitura de mundo do educando” demonstra um modelo de educação elitista e antidemocrática (FREIRE, 1996, p. 74-7). Por esses motivos, acreditamos em um processo de formação de leitores através de uma educação com mais oportunidades de formação e melhor carga horária aos educadores, mais estrutura e, principalmente, uma educação que seja transformadora e libertadora.

ENGLISH LANGUAGE LITERATURE IN HIGH SCHOOL OF STATE SCHOOLS IN XANXERÊ – SANTA CATARINA

Abstract: Reading is crucial for the professional and social formation of the individual, and it is in school that this development occurs, after all, despite all technology we still have students who do not have access to books, whether printed or digital. Working with literary reading in the classroom is a process that requires knowledge and interest both on the part of the teacher and the student, usually this work is linked to the discipline of Portuguese Language, but it is also a duty of teachers of English Language to use literature in the room, aiming to develop the language skills necessary to understand and learn the second language, is, listening, reading, speaking and writing. In order to investigate whether English language professionals work with literary reading, with what purpose, what level of reading, and if students are interested in reading in this subject, this article was elaborate. In order to do so, the bibliographic research of renowned authors in the area of reading and literature was used as support for BNCC, which deals with the bases that the disciplines and the teachers should work in the room throughout the country, and a field research , with questionnaires aimed at the teachers of English Language of the High School of state public schools of Xanxerê - SC, where the results were reported and compared with the school reality lived by these professionals and their students.

Keywords: Reading. English Language. Literature. Readers formation.

6. REFERÊNCIAS

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CANDIDO, Antônio. (1988) O direito à literatura. In: Vários escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. 1996. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf>. Acesso em: nov. 2018.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3. ed. 9. Imp. São Paulo: Ática, 2004.

JAUSS, Hans Robert. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: nov. 2018.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura & Realidade Brasileira**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC – CÂMPUS XANXERÊ

Pós-Graduação em Concepções Multidisciplinares de Leitura

Disciplina: Artigo final

Orientadora: Me. Aline Miriane Guerios

Pós-graduanda: Elisiane de Oliveira Dias

Este questionário visa investigar em que medida os professores de Língua Inglesa utilizam a literatura em sala de aula, com turmas de Ensino Médio e como este trabalho é realizado. Obrigada pela colaboração!

1- Qual sua formação acadêmica?

R-

2- Em qual ano e instituição você se graduou?

R-

3- Qual a sua formação / certificação em língua inglesa?

R-

4- Você Trabalha somente com língua inglesa?

R-

5- Há quanto tempo você atua como professor de língua inglesa?

R-

6- Você é professor efetivo ou contratado?

R-

7- Você gosta de lecionar a língua inglesa? Justifique.

R-

8- Com que frequência você lê obras de literatura em língua inglesa? Cite exemplos.

R-

9- Para você, o que é literatura?

R-

10- De 0 a 10, qual seu nível de interesse na literatura inglesa?

R-

11- Você trabalha com obras da literatura em língua inglesa nas suas aulas? Por quê?

R-

12- Com qual frequência você utiliza a literatura em língua inglesa em sala de aula?

R-

13- O que te influencia a trabalhar com a literatura de língua inglesa?

R-

14- Qual é o processo de escolha das obras utilizadas?

R-

15- As obras que você utiliza são adaptadas aos diferentes níveis linguísticos e de capital cultural dos estudantes? Justifique.

R-

16- Qual o objetivo, quando você trabalha com a literatura em língua inglesa em suas aulas?

R-

17- Você já trabalhou com os seguintes autores nas suas aulas:

Willian Shakespeare

Jane Austen

Emily Brontë

George Orwell

Oscar Wilde

Edgar Allan Poe

Aghata Christie

J.K. Rowling

Stephen King

George R. R. Martin

J. R. R. Tolkien

18- Quais outros autores você utiliza?

R-

19- Quais metodologias você utiliza ao trabalhar com a literatura em sala de aula?

R-

20- Como seus estudantes reagem ao trabalhar com a literatura em língua inglesa?

R-

21- Você acredita que os alunos do ensino médio estão com um nível adequado para o trabalho com a literatura em língua inglesa? Por quê.

R-

22- Você utiliza obras adaptadas ao nível linguístico de seus estudantes?

R-
